

## MAIÊUTICA ARTÍSTICA: A DÚVIDA COMO PARTE DO PROCESSO ARTÍSTICO

JULIA FÁVERO DIAS<sup>1</sup>;

MARTHA GOMES DE FREITAS<sup>2</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – diasfjulia06@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – marthagofre@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente texto delinea uma resposta à experiência de monitoria das aulas de Ateliê de Processos Criativos I, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Martha Gomes de Freitas. A disciplina é uma das matérias obrigatórias do currículo do curso de Bacharelado em Artes Visuais. Ela é oferecida nos dois primeiros semestres da graduação, dividindo-se em Ateliê de processos criativos I, no primeiro semestre, e Ateliê de processos criativos II, no segundo.

É importante ressaltar que a matéria é prevista e colocada como um *ateliê*, ou seja, é uma disciplina voltada à produção artística, dessa forma faz-se com que suas aulas sejam, majoritariamente, um momento de livre produção, prevendo durante esse tempo de processo um constante diálogo e troca entre professora e alunos - assim como monitora e alunos - visando, nesse momento, orientar, entender, questionar e instigar.

Nesse resumo trago a palavra maiêutica como um método que pude identificar no decorrer das aulas. A maiêutica é uma técnica pensada pelo filósofo Sócrates que pressupõe levar o interlocutor, através de questionamentos, a desenvolver conhecimentos que o mesmo já possuísse sem que soubesse. A palavra deriva da medicina, e no contexto de Sócrates, referia-se às parteiras, dessa forma o filósofo trazia a relação de que, da mesma maneira as parteiras auxiliavam no nascimento das crianças, a técnica maiêutica visava auxiliar no nascimento de ideias, daí o sentido figurado “dar à luz a ideias”. Com isso ao longo do texto, é perceptível, o uso da dúvida como disparador, e a busca e desenvoltura para as respostas como um desenvolvimento e método de aprendizado. Colocar as ideias e pré-conceitos que criamos na nossa trajetória artística adendos a dúvida é um movimento necessário ao longo de toda a carreira do artista. É um processo natural e presente em toda e qualquer produção artística - mesmo que nesse processo nem sempre haja ou obtenha-se uma resposta - ousar, por conseguinte, a chamar esse movimento de dúvida voltado ao campo artístico de uma *maiêutica artística*.

Percebo que quando se entra em um curso de artes visuais, muitos preceitos e percepções do *que* ou *oque* é “Arte” já estão colocados e definidos pelos estudantes, e com isso, matérias como Processos Criativos, que acompanha os alunos no ano inicial de sua formação, é essencial, não apenas por trazer novas informações e conhecimentos acerca do campo artístico, mas também tensionando e questionando as noções e certezas que esses alunos já carregam consigo, em sua maior parte advinda de uma concepção dada no senso comum e não através do contato com a arte. Com isso, entendo que durante o percurso da matéria ocorrem diversos processos e optei, nesse texto, por dividi-los em três momentos que intercorrem individual ou simultaneamente ao longo da disciplina,

laborações essas que vejo como essenciais, não apenas para a desenvoltura dentro da matéria, mas como parte importante da formação acadêmica e artística dos ingressantes.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

A dinâmica proposta para essa disciplina consiste na criação de um circuito de produção onde há uma primeira aula disparadora - na qual são apresentados materiais que permitem discussões a respeito de conceitos básicos ao campo da arte, aspectos teóricos e estímulos à produção prática - se utilizando para tal de diversos recursos didáticos, como documentários, filmes, leituras, poemas, registros visuais e referências de artistas. Ao final dessas aulas o conteúdo visto é debatido entre os alunos, monitor e professora, visando relacionar as informações, opiniões e percepções, e assim, colocar aos estudantes, a partir do conteúdo apresentado, a proposta para o trabalho. As aulas seguintes, de caráter prático em ateliê, são dedicadas ao desenvolvimento dos trabalhos propostos. É nesse momento que as ideias começam a tomar forma, e o processo de tentativa e erro é constantemente acionado. Durante esse percurso, tanto a professora quanto a monitora acompanham os estudantes de forma atenta, questionando-os sobre suas ideias e intenções, fazendo observações, propondo reflexões ou oferecendo referências quando necessário. Ambas também se mantêm disponíveis para esclarecer dúvidas e oferecer orientações pontuais. E como última parte desse circuito temos as aulas voltadas para as apresentações dos trabalhos dos alunos à turma. Nesse momento o aluno que está em avaliação é instigado a apresentar não apenas a ideia e trabalho final, mas desenvolver e explicar seu processo e escolhas durante o percurso de produção. Ao final de cada apresentação são feitos os apontamentos, perguntas e falas da professora, seguidas da abertura para discussão entre os colegas e monitor.

Dentre todas as obras apresentadas no decorrer do semestre destaco a obra *Verb List* (1967) do artista Richard Serra, que é elemento disparador e referencial para a produção dos alunos ao longo do semestre. Houve nesse período o total de três proposições de trabalho, cada qual construindo e se desenvolvendo a partir do anterior e em conjunto aos novos conteúdos apresentados.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o andamento da matéria identifiquei padrões entre os alunos, tanto sobre suas dificuldades como em dúvidas e percepções gerais, e é a partir dessa repetição, que vieram não apenas em aula, mas nos momentos de monitoria, que dividi os processos de aprendizagem dos ingressantes em três diferentes momentos. Pontuo ainda que entendo o papel desempenhado pela professora e pela monitora como produtoras da maiêutica artística, citada anteriormente.

O primeiro processo - que pode muitas vezes frustrar o ingressante - é quando seus conceitos pré-determinados são colocados em dúvida com perguntas como “por que é assim?”, “quando que você começou a ver/pensar assim?”, apesar de geralmente um simples “Por que?” já ser o suficiente para abalar muitas dessas construções. Com isso, cria-se um estranhamento, um incômodo, uma dúvida da qual nem sempre se tem uma resposta rápida, simples ou direta (às vezes nem há ainda uma resposta), e é claro que isso pode gerar uma frustração, e ainda acrescento, deve gerar incômodo, deve-se ter dúvida,

deve-se colocar em xeque o que já tínhamos por certo para nós, para que isso movimente.

Nas palavras da artista Edith Derdyk (2017) “a linha não é nem o ponto de partida nem o ponto de chegada, é o meio”, a percepção de um movimento constante de busca e desenvolvimento nos permite entender a produção artística como algo que sempre está relacionada a uma mutabilidade. As produções não se findam em si, na verdade é durante seu desenvolvimento que se encontram novos lugares de possibilidades, só possíveis de serem descobertas durante a produção em si. Dessa forma o momento de ateliê convida os alunos a testar, criar, se frustrar, reinventar, repensar, recolocar, mudar, fazendo com que no fim cheguem num lugar diferente do que eles esperavam no princípio. Esse momento, complementado por uma escrita ao final de cada trabalho, auxilia na compreensão do processo como parte do trabalho, e o resultado não apenas como elemento avaliativo, e que demonstra praticamente que o processo nunca é perdido.

Contudo, por vezes, tensionar esse lugar de certeza pode levar alguns alunos à insegurança, a um campo ainda desconhecido e novo, fazendo com que, em alguns casos, a resposta para essa situação venha de forma hostil e rígida, o que dificulta no processo do estudante na associação dos conteúdos apresentados e, naturalmente, reflete na sua produção artística.

Aqui o monitor tem o papel de comunicação e auxílio, ele, a meu ver, é essa ponte que vai conseguir levar as demandas do docente até os discentes, muitas vezes por conversas que podem envolver a repetição de conteúdo e instruções, também trazer de outras maneiras na fala o conteúdo de aula, criando para o aluno um tempo e espaço, em aula e na monitoria, para que se desenvolva suas dúvidas e questões acerca das questões próprias ao ateliê. Ocorre também o processo inverso dessa troca, onde o monitor leva ao professor as falas, dificuldades, e demandas dos alunos, para que se consiga acompanhar o andamento da turma, analisando suas dificuldades, considerando suas necessidades, e identificando os seus pontos fortes.

Num segundo processo tem-se o diálogo com novos conhecimentos, ou seja, o momento em que o professor coloca a frente do aluno novos artistas, métodos, conceitos, vocabulário, e o convida, por meio de filmes, leituras, documentários, imagens, teorias, conversas, e as próprias propostas de atividade a conhecer e entender essa área. Aqui o papel do monitor, pode ser tanto o de agregar e diversificar esse repertório para o aluno, ou também, o de, a partir das referências apresentadas, ajudar o aluno a construir seu repertório, isso majoritária e concomitantemente ao processo de produção em artes que será explanado a seguir.

O último processo que gostaria de abordar neste breve recorte é o da própria produção artística, como o próprio nome da matéria sugere, o *ateliê* de processos criativos, assim como todas as matérias de ateliê, se volta para a criação de um espaço em aula que faz convergir produção e teoria, mas claro, não existe um ateliê sem uma produção, e não existe produção sem processo. Entendo, então, essa última fazedura, como a costura de ambos os processos citados anteriormente num todo. E aqui, é importante destacar que, o *Ateliê de processos criativos* se diferencia por não determinar técnica e materiais como acontece em disciplinas específicas, como por exemplo, Ateliê de Desenho e Introdução à pintura... Na verdade, a matéria agrega ainda uma sutileza do olhar e do pensar arte que depois, ao longo do curso, se incorpora à *poética*. Nas palavras de Clarice Lispector:

Tanto em pintura como em música e literatura, tantas vezes o que chamam de abstrato me parece apenas o figurativo de uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu. (Lispector, 2020, pg. 32)

Uma das maiores dificuldades apresentadas pelos alunos é a desassociação da visualidade e da representatividade. A atual cultura de consumo em massa de imagens, sem que estas exijam um olhar atento e crítico, tornam desafiante os momentos de apresentação dos trabalhos, que comumente caem em explicações e narrativas, quando deveriam na verdade serem convites a interpretação. Dessa maneira, quando Lispector fala de uma delicadeza, reconheço o momento nas aulas, entre as dúvidas e referências artísticas, quando se busca um refinamento visual, a fim de agregar ao olhar uma leitura atenta, técnica, crítica e sutil.

E nesse momento, de produção, que os elementos vão se complementando e construindo um novo lugar de conhecimento e exploração do aluno. Destaco ainda que essa área de desenvolvimento e conhecimento vai independe do gosto ou produção pessoal do indivíduo, tendo em vista que no contexto da produção e apreciação da arte contemporânea reconhecer o processo de leitura dos elementos de uma obra é indispensável para a formação de futuros artistas.

Por fim, entendo que a maiêutica se mostra nesse movimento vindo da docente e da monitora de questionar, durante todos os processos, levando os alunos a construir suas questões e relações, além de auxiliá-los para desenvolverem um olhar crítico à sua própria produção. Esse processo não visa trazer respostas aos alunos, mas incentivá-los a buscá-las - se existirem - desenvolverem as próprias questões e dúvidas. O processo artístico para além de algo externo, é também um movimento que carrega personalidades, contudo é necessário que apontamentos sejam feitos, e nesse momento a técnica da maiêutica agrega num processo de construção conjunta do entendimento e diálogo das partes, possibilitando que o aluno possa convidar seus espectadores a adentrar seu processo e resultado e receba de volta às outras possíveis percepções que seu trabalho gerou.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

SERRA, Richard. **Verb List**, 1967. Lápis em duas folhas de papel, 25,4 x 21,6 cm (cada). Doação do artista em homenagem a Wynn Kramarsky. Departamento de Desenhos e Impressões, Museu de Arte Moderna (MoMA). Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/152793>. Acesso em: 29 ago. 2025.

DICIO. **Maiêutica**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/maieutica/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

DERDYK E. **6º PRÊMIO MARCANTONIO VILAÇA - EDITH DERDYK - ARTISTA FINALISTA**. Direção: Fabricio Timm. [S.l.]: SESI, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/N7XRfrcGrWE?si=n3psg8nS36f5dCYn>. Acesso em: 29 ago. 2025.